

# Ensino de língua inglesa e de LIBRAS usando o *WhatsApp*: uma narrativa de experiências docentes no IFPR – *Campus Assis Chateaubriand*

**Celina de Oliveira Barbosa Gomes**

Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Docente da Área de Português e Inglês do Instituto Federal do Paraná (IFPR) - *Campus Assis Chateaubriand*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7102-2715>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3355010469212317>

E-mail: [celina.gomes@ifpr.edu.br](mailto:celina.gomes@ifpr.edu.br)

Data de submissão: 14/04/2020 | Data de aprovação: 18/05/2020

## 1 Introdução

Ao amplo arcabouço científico dos estudos da linguagem concernem as discussões sobre a aprendizagem das línguas, a qual se dá pela apreensão não só de seus aspectos teóricos – sintaxe, semântica, gramática –, mas, sobretudo, por sua prática em contextos reais ou virtuais.

A língua inglesa, por exemplo, é ensinada como língua estrangeira no Brasil e sua mediação pedagógica é orientada por documentos legais – como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, do ano de 1996, sobretudo – que visam nortear as demandas de aprendizagem deste idioma consideradas no exercício docente. Em textos instrutivos complementares, como as Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Estrangeira Moderna, proposto pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, são mencionadas, por exemplo, quatro habilidades linguísticas ligadas à competência comunicativa: a escrita, a leitura, a fala e a audição/escuta (PARANÁ, 2008); a compreensão e a capacidade de uso destas em diferentes contextos discursivos caracterizaria a efetiva aprendizagem do inglês.

Porém, muitos professores desta disciplina veem no ensino da modalidade oral da língua, assim como no da escuta/compreensão, um grande desafio; isto, haja vista fatores como o número restrito de aulas de inglês nos currículos, a elevada quantidade de alunos na sala de aula, o que dificulta a realização de atividades práticas de fala e escuta, a timidez dos estudantes em realizá-las, e, sobretudo, a aparente falta de afinidade e mesmo de utilidade da língua em seu contexto de atuação. Essas circunstâncias acabam por determinar concepções equivocadas sobre o ensino de língua inglesa nas escolas regulares, especialmente, as públicas, como a de que não se aprende a falar inglês nesses espaços, sendo isso possível, apenas, em centros de idiomas especializados na abordagem da oralidade e da escuta. Essa ideia desabona, de alguma forma, a legitimidade da língua enquanto código comunicacional de falantes e territórios não-nativos como o Brasil, pois, para muitos alunos – e, quiçá, para muitos professores – ela é vista como matéria acessória, protocolar e não como forma efetiva de interação e expressão.

Por conta disso, esta questão tem sido bastante discutida nos últimos tempos, suscitando transformações consideráveis nas formas de conceber e ensinar a língua inglesa, como se vê pela mudança dos próprios paradigmas educacionais e da posição dos atores no

processo de ensino-aprendizagem. Se antes a perspectiva tradicional apregoava a centralidade do professor na produção e difusão do conhecimento – o qual colocava-se como o único detentor do saber e do discurso e os alunos, por sua vez, como meros ouvintes –, hoje a proposta é de uma aprendizagem colaborativa; isto quer dizer que docente e discente são responsáveis pelo sucesso (ou pelo fracasso) do desenvolvimento educacional do aprendente (SENEFONTE; TALAVERA, 2018). E no/para o exercício desta formação cooperativa, não só os papéis do aluno e do professor passaram por reconfigurações, mas também os métodos e instrumentos de ensino, os quais foram modificados ou concebidos em função da nova dinâmica social e comunicacional, sobremaneira influenciada pela tecnologia. É por isso que hoje fala-se tanto – como se vê nos trabalhos de Souza (2013) e Senefonte e Talavera (2018) – do ensino mediado pela tecnologia ou ambientado no chamado ciberespaço, considerando a inserção ativa que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm na vida das pessoas, bem como a conveniência do caráter multimodal de seus recursos, favoravelmente empregados no âmbito educacional.

Esta narrativa de experiências de ensino trata justamente do uso do aplicativo *WhatsApp* como ferramenta de ensino cooperativo das habilidades de fala e de escuta/compreensão em língua inglesa em turmas do ensino médio técnico do Instituto Federal do Paraná, *Campus* de Assis Chateaubriand, nos anos de 2016, 2017 e 2018. Contempla também seu emprego como instrumento de difusão de atividades práticas da disciplina de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS realizadas, em 2018, pelos alunos do 4º ano do curso superior noturno de Licenciatura em Ciências Biológicas da mesma instituição. Isto, a fim de demonstrar a adequação do recurso na execução de atividades que requereriam mais tempo do que o normalmente disponibilizado para as aulas, bem como na oportunização de um ambiente de interação virtual que minimizou, acredita-se, a inibição de muitos estudantes na realização destas. A conveniência do aplicativo é enfatizada, ainda, por sua configuração enquanto repositório, já que, no caso das práticas desenvolvidas, foi possível retomar várias vezes os arquivos de áudio e de vídeo produzidos pelos alunos e dar-lhes um retorno acerca de seu desempenho.

O uso do *WhatsApp* para a exposição de atividades de LIBRAS se deu também por conta das próprias características da língua. Por ser um idioma espaço-visual, sua expressão respalda-se na sinalização e na compreensão, pela visualização, do emprego desses sinais. Assim, para verificar o desenvolvimento da competência linguística dos acadêmicos no idioma dos surdos brasileiros, bem como para averiguar em que medida eles o utilizariam para a comunicação de tópicos específicos das disciplinas de Ciências e Biologia, solicitou-se que eles gravassem em vídeo uma de suas atividades avaliativas, enviando-o para a docente, que pode assistir e analisar posteriormente o exercício prático de cada um, como será explicado depois.

O aplicativo em questão, então, possibilitou ultrapassar não só os limites físicos da sala de aula, mas barreiras temporais, socioculturais e mesmo (psico)cognitivas, oportunizando a otimização do ensino pelo fomento de habilidades que, em outros tempos não tão determinados pela tecnologia, só seriam estimuladas pela realização e observação presenciais.

## **2 O ensino da fala e da escuta/compreensão na disciplina de língua inglesa usando o *WhatsApp***

Nos anos de 2016 e 2017, ministrou-se as disciplinas de Língua Estrangeira Moderna – Inglês (II, III e IV) para as turmas do segundo, terceiro e quarto anos do curso Técnico em Eletromecânica Integrado ao Ensino Médio – sendo uma aula por semana para cada uma delas – e para as turmas do terceiro e quarto anos do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio (Língua Estrangeira Moderna – Inglês I e II) – uma e duas aulas, respectivamente. Em 2018, a matéria de Língua Estrangeira Moderna – Inglês foi igualmente conduzida nas duas turmas do primeiro ano dos cursos Técnico em Agricultura Integrado ao Ensino Médio e Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, com duas aulas semanais cada; essas experiências se deram no Instituto Federal do Paraná, no *campus* de Assis Chateaubriand.

Seguindo as orientações pedagógicas dos documentos legais que regem o ensino da disciplina, o planejamento docente contemplou o ensino das quatro habilidades de comunicação, a escrita, a leitura, a fala e a escuta/compreensão. Porém, diante do resumido tempo em sala, já que algumas turmas tinham uma única aula semanal de 50 minutos, refletia-se como proceder para que fosse possível trabalhar as duas últimas habilidades citadas. Isto, tendo em vista que eventuais atividades realizadas em função do desenvolvimento delas levariam um tempo considerável, não só pelo número de alunos em algumas turmas, mas pela resistência (e conseqüente demora) que alguns deles tinham na realização destas, por sua dificuldade ou timidez. Assim, como muitos mencionavam e sugeriam o uso de grupos de *WhatsApp* para a transmissão de informações referentes às avaliações ou mesmo como canal para a elucidação de possíveis dúvidas entre professora e alunos, também por meio da gravação de áudios, viu-se no recurso uma ferramenta em potencial para o trabalho da oralidade e da escuta/compreensão.

Desta forma, propôs-se que cada turma – propriamente, o representante, que possuía os contatos de todos os estudantes – criasse o seu grupo de *WhatsApp* direcionado para a disciplina de língua inglesa, o qual, obviamente, integrava a professora.

O sistema avaliativo da instituição é organizado em bimestres, sendo quatro ao ano. A cada bimestre dos anos letivos em questão, procedeu-se à determinação de atividades para o trabalho com cada uma das quatro habilidades de comunicação; para as de fala e de escuta/compreensão, foram estipuladas duas delas, uma mais simples e outra mais elaborada.

A primeira consistia na postagem de um questionamento ou comentário gravado pela professora e que deveria ser respondido ou comentado pelos alunos em outros áudios. Propunha-se, ainda, que os estudantes elaborassem suas respostas com base no que haviam escutado dos colegas, de modo a ouvirem e detectarem o conteúdo de suas mensagens, exercitando, além da oralidade, a dita habilidade de *listening/comprehension*. Os alunos tinham duas semanas para emitirem pelo menos uma resposta sobre o áudio enviado, a qual era avaliada, sobretudo, pela dinâmica e tentativas de interação mais do que pela plenitude dos acertos. Isto, posto que, neste primeiro momento, pretendia-se estimular a participação e a autonomia dos estudantes para que pudessem se expor sem reservas na prática oral do

idioma, condição proporcionada pela virtualidade do ambiente. Após o término do período determinado para a realização da atividade, fez-se um comentário geral no grupo sobre a participação dos membros, realizando-se individualmente, no dito “modo privado”, correções mais pontuais.

O que se percebeu neste primeiro momento foi uma recepção e posicionamento mais lúdicos e descontraídos dos alunos frente ao desafio proposto, o que, de certo modo, os motivou não somente a participar, mas também a ter maior segurança na produção de sua resposta pela possibilidade de fazê-lo longe dos olhos da turma, podendo repetir a tarefa caso fosse necessário.

A segunda atividade, proposta como um trabalho mais elaborado e de maior valor no escore avaliativo, consistia na discussão de um tópico de literatura de língua inglesa, o qual também perpassava o trabalho com outras habilidades, como a leitura, por exemplo. Postou-se um áudio sobre uma perspectiva de leitura de determinada obra literária – vista no início do período letivo – devendo os alunos posicionarem-se a respeito dela, em um áudio de 30 segundos a um minuto. A atividade, lançada na metade do bimestre, deveria ser realizada até a penúltima semana deste, de modo que fosse possível avaliá-la em seus últimos dias.

Ainda que os alunos tenham mostrado certa dificuldade em fazê-lo, pelo fato de este áudio ter sido maior – o primeiro caracterizava-se por uma pergunta ou comentários diretos de, no máximo, um minuto e sobre temas concernentes ao curso em que a disciplina estava sendo ministrada –, com cerca de dois minutos, e por ser o conteúdo específico de um texto literário, conseguiram, em sua maioria, realizar o trabalho. Alguns enviaram áudios mais curtos, obedecendo ao tempo mínimo determinado, e com mensagens mais lacunares, outros chegaram a extrapolar o máximo exigido, mas, de modo geral, obteve-se uma participação significativa dos estudantes, tanto em número quanto em qualidade.

Apesar de algumas brincadeiras e dificuldades na realização desta atividade, pois alguns alunos não tinham, na ocasião, celular ou, se tinham, não faziam uso do aplicativo – estes usaram o aparelho dos colegas –, todos participaram e exercitaram as habilidades de fala e escuta, ainda que de modos diferentes, ao longo de pelo menos um ano (algumas turmas mais, como as que estavam no segundo ano em 2016). Além da reflexão feita em sala sobre os objetivos, o desenvolvimento e o desempenho nas atividades, enfatizou-se a presença ativa da língua inglesa em suas vidas e contextos de atuação, assim como seu potencial uso para comunicar situações reais do cotidiano, especialmente, circunstâncias relacionadas à formação específica oferecida por seus cursos – uma vez que a disciplina também buscou contemplar tópicos técnicos, além dos conteúdos convencionais indicados pelos documentos pedagógicos. Em outras palavras, o que se destacou foi a possibilidade de uso da língua inglesa e sua legitimidade em significar ações da vida, mesmo em ambientes e com sujeitos não-nativos do idioma e, sobretudo, de formas plurais. Isto concorre para a desconstrução da ideia elitista e ainda tão difundida de que falar inglês é uma prerrogativa de determinados grupos sociais, noção que reforça certas relações de poder e segregação.

O aplicativo *WhatsApp*, então, tido como “intrinsecamente ligado à vida dos estudantes e, sobretudo, às ações sociais desses indivíduos” (SENEFONTE; TALAVERA, 2018,

p. 243), mostrou-se ser satisfatoriamente adequado para a realização das atividades em questão. E esta adequação se caracteriza justamente pela afinidade dos usuários com ele, por sua fácil manipulação e, sobretudo, por sua capacidade de mediar diferentes modalidades de mídias, especialmente, aqueles que servem como plataforma para a interatividade oral; além deste software funcionar como um ambiente virtual, precisamente um nicho do ciberespaço, que fornece certa segurança e “receptividade” para a expressão oral em inglês e uma disponibilidade maior para a escuta e a tentativa de compreensão deste idioma.

Na oportunidade do dito letramento tecnológico (HOBBS; JENSEN, 2009), por meio do uso de redes sociais, como o *WhatsApp*, e de tantos outros instrumentos fornecidos pelas TICs e próprios da cibercultura, vê-se que o fomento do ensino e da aprendizagem da língua inglesa, especialmente das habilidades de fala e de escuta/compreensão, é mais do que possível, como se constatou nas práticas realizadas; torna-se mesmo pressuposto, estimado, necessitando de sugestões, alternativas e de certos ajustes metodológicos para acontecer, como sinaliza a reflexão de Warschauer e Meskill traduzida e citada por Melody Pablos Souza em seu trabalho *Ressignificando o papel do celular em sala de aula: possibilidade de utilização no ensino de língua inglesa* (2013):

Os educadores de línguas agora procuram não apenas (ou até principalmente) ensinar aos alunos a regras gramaticais, mas ajudá-los a aprender em novas comunidades discursivas. Isso é feito por meio da criação de oportunidades de interação autêntica e significativa tanto dentro quanto fora da sala de aula, e do fornecimento das ferramentas aos alunos para sua própria exploração social, cultural e linguística. O computador é uma ferramenta poderosa neste processo, pois permite que os alunos tenham acesso a ambientes virtuais de comunicação internacional. Ao usar novas tecnologias na aula de línguas, podemos preparar melhor os alunos para os tipos de interações interculturais internacionais que estão sendo cada vez mais necessárias para o sucesso na vida acadêmica, profissional ou pessoal. (WARSCHAUER; MESKILL, 2000, p. 10-11 apud SOUZA, 2013, p. 6-7).

Além de sua compatibilidade com o propósito do ensino do inglês, propriamente das ditas habilidades de *speaking* e *listening/comprehension*, o *WhatsApp* também evidenciou-se como apoio relevante para outras atividades de ensino de línguas, como o da língua brasileira de sinais.

### **3 A difusão de atividades discentes em língua brasileira de sinais: um outro emprego pedagógico do *WhatsApp***

No ano de 2018, no mesmo *campus* do Instituto Federal do Paraná, foi ministrada para a turma do quarto ano do curso noturno de Licenciatura em Ciências Biológicas a disciplina de Língua Brasileira de Sinais, seguindo a determinação legal:

Art. 4º. O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Líbras, como parte integrante dos

Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. (BRASIL, 2002, p. 1).

O objetivo era o de instrumentalizar os futuros docentes para o trabalho com possíveis alunos surdos. A matéria foi apresentada no primeiro semestre letivo, sendo abordados alguns dos aspectos históricos, culturais e legais da língua, bem como sintáticos, semânticos e gramaticais. Assim, além de aprenderem a importância da carga política deste idioma para a identidade surda, os estudantes também tiveram contato com sinais voltados para a comunicação geral – cumprimentos, indicadores, locais –, e, principalmente, concernentes às suas áreas de atuação – Ciências e Biologia.

O ensino e a preocupação com a aprendizagem de sinais específicos foram instigados pela possibilidade de os acadêmicos, já formados, ministrarem aulas para estudantes surdos que, eventualmente, poderão não contar com a presença de um intérprete e, principalmente, para que eles possam interagir efetivamente com tais indivíduos. Por isso, foi-lhes solicitado que preparassem e apresentassem um plano para duas aulas considerando as especificidades linguísticas dos surdos, tanto na apresentação dos conteúdos quanto na preparação e mediação das atividades. O tema, oriundo das disciplinas de Ciências e de Biologia, poderia ser escolhido pelos acadêmicos, que deveriam se reunir em duplas para a realização da tarefa.

Foi sugerido um modelo estrutural de plano de aulas a ser seguido, o qual, uma vez concluído, deveria ser apresentado por meio da gravação de um vídeo. Os alunos deveriam, então, informar, por meio da LIBRAS, o que e como contemplariam no plano de aulas, bem como simularem a realização destas como se estivessem interagindo com indivíduos surdos. Portanto, desde a apresentação pessoal, os discentes não poderiam manifestar-se verbalmente, devendo toda a comunicação ser feita em língua brasileira de sinais e por meio de algumas expressões escritas sobre o conteúdo.

Esta atividade avaliativa foi proposta no início da disciplina para ser apresentada somente no final dela – ao término do quarto mês de estudos, já que se tratava de uma matéria ministrada em um período de dois bimestres apenas –; isto, para que os alunos pudessem pensar com calma sobre o tema a ser trabalhado e, principalmente, para se preparassem, angariando vocabulário e prática discursiva para a apresentação do trabalho.

Obviamente, alguns alunos mostraram-se resistentes ou mesmo titubeantes frente à realização da avaliação, considerando que muitos deles ainda não haviam utilizado a língua de sinais e que esta era uma atividade complexa. Porém, ficou acordado que eles poderiam apresentar os aspectos gerais do plano, sem atermem-se aos detalhes, bem como simular as partes principais da aula – apresentação do professor, da disciplina e da data, conteúdo, principais nomenclaturas do assunto abordado, recursos (cartazes, imagens, folhas com os sinais apresentados e sua associação com as palavras escritas), atividades a serem feitas em classe e uma avaliação simples.

Na análise dos vídeos produzidos, considerou-se, propriamente, mais o despertar dos estudantes para o desafio de ensinarem um conteúdo em outra língua – cujo sistema linguístico é diferente do seu, a saber, visual-motor ou espaço-visual –, do que necessariamente sua precisão na apresentação do plano. Foi de grande relevância instigar-

lhes ao pensamento sobre quais sinais e formas de combinação destes usar para se fazerem entender e expressar efetivamente o conhecimento científico que possuíam, em um possível exercício de empatia e mesmo de reflexão sobre o papel mediador do docente. Por isso, a avaliação se deu não só pela verificação da realização da atividade segundo os critérios previamente estipulados e pela consideração do itinerário do plano de aulas, mas principalmente pela competência linguística que os estudantes demonstraram para comunicar, não obstante suas limitações, sua proposta didática.

A oportunidade de estimular e manifestar tal competência, expressando-se com calma em um tempo e locais mais adequados do que muitas vezes pode ser a sala de aula, foi favorecida pela gravação do vídeo, cujo envio pelo *WhatsApp* possibilitou não só a divulgação para apreciação e possíveis reproduções, como também comentários orais sobre o material produzido; estes, de docente e alunos, já que os vídeos foram compartilhados entre alguns colegas.

Esta “plataforma comunicacional”, portanto, revelou-se igualmente propícia, como o fez com a língua inglesa, para o ensino da língua brasileira de sinais por suportar, em função de seu caráter multimodal, mídias dinâmicas e visuais como os vídeos – tanto os gravados quanto as transmissões em tempo real –, os quais, de certa forma, dão conta de reproduzir a prática da LIBRAS. E ainda que não houvesse nenhum estudante surdo na turma e que tenha se tratado de uma encenação, constatou-se que esta pode ser uma alternativa de ensino não só de Ciências e Biologia, mas de outras matérias e conteúdos para indivíduos com esta particularidade comunicativa.

#### **4 Considerações atuais**

Tendo em vista a particularidade do momento em que se apresenta esta narrativa (o mês é abril e o ano é 2020), o de um isolamento social generalizado, vê-se que as mudanças promovidas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação nas relações humanas, socioculturais e políticas mostraram-se sobremaneira convenientes e responsivas à dinâmica de (re)organização do mundo (pós-)moderno (e pós-crítico) – considerando o pensamento de Habermas (1997). Esta reorganização, que vem ocorrendo há um certo tempo, também reflete-se pelas/nas transformações suscitadas nos processos educacionais, integrando as novas tecnologias e seus instrumentos às rotinas didáticas (agora mais do que nunca, aliás), não como o reflexo de um modismo, mas de uma necessidade.

As experiências de ensino descritas nesta narrativa mostram como um aplicativo como o *WhatsApp*, usado, muitas vezes, trivialmente, pode configurar-se um poderoso instrumento de ensino capaz de colaborar para a superação de desafios como o pouco tempo das aulas, como ocorre no caso da língua inglesa, a inibição dos estudantes e a falta de ambientes tranquilos, mas, ao mesmo tempo, interativos e adequados para o desenvolvimento de sua competência linguística; isto, tanto no inglês quanto na LIBRAS. Portanto, faz-se necessária a divulgação de relatos como este, de modo a desabonar a obsoleta resistência de alguns docentes e outros profissionais da educação em enxergar nos mecanismos, rotinas e

programas tecnológicos possibilidades pedagógicas reais e cada vez mais apropriadas às novas demandas de ensino e aprendizagem.

### Referências

BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, seção 1, pl., p.23, 25 abr. 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa: complementos y estudios previos**. Madrid: Cátedra, 1997.

HOBBS, Renee; JENSEN, Amy. The past, present, and future of media literacy education. **Journal of media literacy education**, v. 1, n. 1, p.1-11, 2009.

SENEFONTE, Fábio Henrique Rosa; TALAVERA, Marjorie Ninoska Gómez. O *WhatsApp* como ferramenta no ensino-aprendizagem de língua inglesa. **Entretextos**, Londrina, v.18, n.1, p.241-264, 2018.

SOUZA, Melody Pablos. **Ressignificando o papel do celular em sala de aula: possibilidades de utilização no ensino de língua inglesa**. 2013. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Língua Inglesa) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo – SP, 2013.

### Como citar

GOMES, Celina O. B. Ensino de língua inglesa e de LIBRAS usando o *WhatsApp*: uma narrativa de experiências docentes no IFPR – *Campus Assis Chateaubriand*. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 121-128, jan./jun. 2020.